

# MIA COUTO

LIBRETO PREPARATÓRIO



# MIA COUTO



## Expediente

Fronteiras do Pensamento®  
Temporada 2014

**Curadoria**  
Fernando Schüller

**Produção Executiva**  
Pedro Longhi

**Coordenação-geral**  
Michele Mastalir

**Coordenação e Edição**  
Luciana Thomé

**Pesquisa**  
Francisco Azeredo  
Juliana Szabluk

**Editoração e Design**  
Lume Ideias

**Revisão Ortográfica**  
Renato Deitos

[www.frenteiras.com](http://www.frenteiras.com)

(Moçambique, 1955)

Escritor moçambicano. Agraciado com o Prêmio Camões, é um dos principais autores do continente africano.

*“O que mais me admira na Biologia é o relato da mais fascinante narrativa que há, a história da vida. A literatura é uma celebração desse fascínio que em nós provoca a vida e o fato de estarmos vivos. A ciência tem uma aproximação mais redutora e simplificadora da vida. A arte pode dar conta dessa complexidade imprevisível que são os fenômenos da vida.”*

## VIDA E OBRA

Nascido na cidade de Beira (Moçambique) e filho de uma família de portugueses, Mia Couto é considerado um dos principais autores do continente africano na atualidade.

Sua carreira começou cedo, aos 14 anos, quando publicou seus primeiros poemas em um jornal local. A partir da independência do país, em 1975, ingressou na atividade jornalística, chegando a exercer os cargos de diretor da Agência de Informação de Moçambique e de coordenador da revista semanal *Tempo* e do jornal *Notícias de Maputo*.

Em meados da década de 1980, regressou à universidade para se formar em Biologia pela Universidade Eduardo Mondlane, em seu país natal, especializando-se na área de Ecologia. Desde então, concilia as atividades de biólogo, professor e escritor.

Sua estreia na literatura ocorreu em 1983, com o livro de poesia *Raiz de orvalho*. Sua obra é extensa e diversificada, incluindo poemas, contos, romances e crônicas, e seus livros já foram traduzidos em diversos idiomas. Seu romance *Terra sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos no século XX.

Sua publicação mais recente é *A confissão da leoa*, lançado em 2012. Admirador da literatura brasileira, Mia Couto cita entre suas preferências os autores João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Adélia Prado e Hilda Hilst.

Em 2013, Couto foi agraciado com o Prêmio Camões pelo conjunto da obra. A premiação foi instituída em 1988 pelos governos do Brasil e de Portugal e é considerada uma das mais importantes no âmbito da língua portuguesa. No mesmo ano, também recebeu o Prêmio Literário Internacional Neustadt, concedido pela Universidade de Oklahoma nos Estados Unidos e pela World Literature Today desde 1969.

A literatura do escritor moçambicano é exaltada não só pela forma como ele descreve e trata a vida cotidiana em seu país, mas, principalmente, pela inventiva poética da sua escrita, que mescla o português “culto” com palavras de dialetos da população local. Mia Couto também demonstra muita preocupação com os problemas do país africano, como, por exemplo, quando denunciou o crescente número de sequestros em Moçambique no ano passado.

Alguns de seus livros foram adaptados para o cinema, caso de *O último voo do flamingo*, *Terra sonâmbula* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

Na área da Biologia, Mia Couto dirige uma empresa que faz estudos de impacto ambiental em seu país, concentrando-se na gestão de zonas costeiras, além de desenvolver trabalhos de pesquisa sobre mitos, lendas e crenças que intervêm na gestão tradicional dos recursos humanos.

*“Nosso pensamento, como toda a entidade viva, nasce para se vestir de fronteiras. Essa invenção é uma espécie de vício de arquitetura: não há infinito sem linha do horizonte. Desde a mais pequena célula aos organismos maiores, o desenho de toda a criatura pede uma capa, um invólucro separador. A verdade é esta: a vida tem fome de fronteiras. É assim que se passa e não haveria nada a lamentar. Porque essas fronteiras da natureza não servem apenas para fechar. Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis. São fronteiras feitas para, ao mesmo tempo, delimitar e negociar.”*

*“Há vários processos que desencantaram o mundo, um deles é este modelo de sociedade que nós criamos, não é? Em que as coisas têm um valor por aquilo que podem render, pelo que podem dar lucro. Mas também há outras coisas mais sutis, como, por exemplo, o modo como um certo discurso se tornou hegemônico e expulsa qualquer outra coisa. Esta ideia que a aproximação que nós temos que ter com as criaturas precisa ser sempre positiva, tem que ser sempre racionalista, e tem que expulsar aquilo que é o lado da espiritualidade, no sentido mais profundo, não só religioso.”*

*“O meu pai nos ensinou a olhar para as pequenas coisas, ao jeito das lições de Manoel de Barros, procurando brilhos entre poeiras e cinzas do chão. Numa sociedade colonial muito violenta, ele nos conduziu a descobrirmos na vida e por nós mesmos o que os livros depois revelaram. Outra coisa: ele nos fez primeiro ouvir poetas dizendo os seus próprios versos. Atra-*

*vés de gravações, através de noites de poesia em que ele mesmo e poetas amigos diziam os seus versos. Para nós, o que nos seduzia era o modo como aquelas pessoas se embeveciam com a palavra, como se fosse uma espécie de música.”*

*“O que me agrada na ciência não é ver nela uma explicação total, absoluta do mundo, mas é colocar essa narrativa em diálogo com outros saberes, com outras sensibilidades. Quanto às fábulas, eu utilizo elementos da tradição oral não apenas para registrá-la, mas também para colocá-la em calda. Muitas vezes, parto de uma lenda da tradição oral para desconstruí-la, para dizer exatamente o oposto. Não é uma reconstrução da tradição oral como se ela fosse uma proposta do que deveria ser o texto, de uma essência alternativa. Não, ela entra como um elemento mais fugidivo. Do ponto de vista da escrita, eu sugiro que ela é uma coisa efêmera que está sujeita a ser reescrita, retrabalhada.”*

*“A importância dos velhos tem a ver com o fato de que somos sociedades orais, e portanto os velhos são espécies de bibliotecas vivas, são detentores do saber. Cabe aos velhos essa missão de reprodução da moral, da ética. Nos sistemas religiosos monoteístas, há um julgamento, depois que morreremos temos que prestar contas do que fizemos em vida. Nas religiões africanas, nós prestamos contas em vida, em nossa relação de viventes com os mortos. Não há essa coisa do Juízo Final, e portanto há disponibilidade para se estar vivo.”*



### **A CONFISSÃO DA LEOA**

1ª edição 2012 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2012

Neste romance de Mia Couto, uma aldeia moçambicana é alvo de ataques mortais de leões provenientes da savana. O alarme chega à capital do país, e um experimentado caçador, Arcanjo Baleiro, é enviado à região. Chegando lá, porém, ele se vê emaranhado numa teia de relações complexas e enigmáticas, em que os fatos, as lendas e os mitos se misturam.

***JERUSALÉM*** (No Brasil, o título é ***ANTES DE NASCER O MUNDO***)

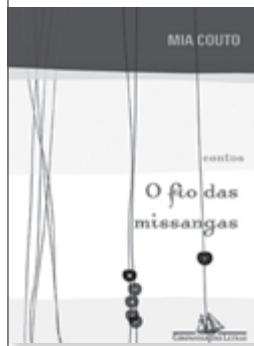
1ª edição 2009 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2009

Romance que apresenta Jerusalém, ermo encravado na savana, em Moçambique, que abriga cinco almas apartadas das gentes e cidades do mundo. Ali, ensaiam um arremedo de vida – Silvestre e seus dois filhos, Mwanito e Ntunzi, mais o Tio Aproximado e o serviçal Zacaria. O passado para eles é pura negação recortada em torno da figura da mãe morta em circunstâncias misteriosas. E o futuro se afigura inexistente.

***O FIO DAS MISSANGAS***

1ª edição 2003 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2009

Os contos de *O fio das missangas* adentram o universo feminino, dando voz e tessitura a almas condenadas à não existência, ao esquecimento. Como objetos descartados, uma vez esgotado seu valor de uso, as mulheres são aqui equiparadas ora a uma saia velha, ora a um cesto de comida, ora, justamente, a um fio de missangas. Os neologismos do autor para além de mera experimentação formalista revelam-se chaves fundamentais de interpretação da leitura.



***ESTÓRIAS ABENSONHADAS***

1ª edição 1994 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2012

Depois de quase 30 anos de guerra, Moçambique vive um período de paz. Nestes contos, Mia Couto busca captar um país em transição. Numa prosa poética e carregada das tradições orais africanas, o autor tece pequenas fábulas e registros que capturam os movimentos dessa passagem. Fantasia e realidade se entrelaçam e se impõem uma à outra, como num reflexo do próprio continente africano.



## **TERRA SONÂMBULA**

1ª edição 1992 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2007

Neste romance, um ônibus incendiado em uma estrada poeirenta serve de abrigo ao velho Tuahir e ao menino Muidinga, em fuga da guerra civil devastadora que grassa por toda parte em Moçambique. O veículo está cheio de corpos carbonizados. E, na beira da estrada, um outro corpo está junto a uma mala que abriga os “cadernos de Kindzu”, o longo diário do morto em questão. As duas histórias são narradas paralelamente – a viagem de Tuahir e Muidinga e, em *flashback*, o percurso de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do garoto, a única esperança contra os senhores da guerra.

## **VOZES ANOITECIDAS**

1ª edição 1986 / Edição brasileira –  
Companhia das Letras, 2013

Em 12 pequenos contos, um rol de personagens esfarrapados e alheios ao palco principal dos acontecimentos narra, de seu ponto de vista marginal, histórias que flertam com o mágico e com o absurdo sem, no entanto, desviar-se completamente do plano factual.



## **NA WEB**

### **WIKIPEDIA**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mia\\_Couto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto)

### **ENTREVISTAS**

#### **O rico contador de histórias**

Entrevista para a *Revista de História*, publicada em fevereiro de 2014

<http://is.gd/Couto1>

(<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/mia-couto/>)

#### **“Não foi a raça que construiu o racismo, foi o racismo que construiu a raça”**

Entrevista concedida ao site *Posfácio*, publicada em agosto de 2013

<http://is.gd/Couto2>

(<http://www.posfacio.com.br/2013/08/23/entrevista-com-mia-couto/>)

#### **Literatura de Moçambique**

Entrevista para o *site* de Entretenimento do UOL, publicada em novembro de 2012

<http://is.gd/Couto4>

(<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/05/no-livro-a-confissao-da-leoa-mia-couto-retrata-o-drama-das-mulheres-rurais-de-mocambique.htm>)



## 11 perguntas para Mia Couto

Entrevista para o *site* Educar para crescer, publicada em agosto de 2011

<http://is.gd/Couto5>

(<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/biblioteca-basica/2011/08/19/11-perguntas-de-adolescentes-para-mia-couto-uma-entrevista-inspiradora/>)

## VÍDEOS E LINKS

### Artigo

Trecho do artigo “Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras”, publicado no Fronteiras.com

<http://is.gd/Couto6>

(<http://fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16,176>)

### Cientista de dia e escritor à noite

Matéria sobre Mia Couto publicada pela revista *Galileu* em abril de 2014

<http://is.gd/Couto7>

(<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/04/cientista-de-dia-e-escriptor-noite.html>)

### Pelo reencantamento do mundo

Trecho da entrevista concedida por Mia Couto em evento da editora Companhia das Letras e do Fronteiras do Pensamento em agosto de 2013

<http://is.gd/Couto8>

(<https://www.youtube.com/watch?v=zyqnqvGLB3w&feature=youtu.be>)

## Da independência moçambicana a gírias

Entrevista concedida a Marcelo Tas no programa *Tas ao Vivo*, exibida em agosto de 2013

<http://is.gd/Couto9>

(<http://diversao.terra.com.br/tas-ao-vivo/blog/2013/08/23/video-veja-a-integrada-entrevista-com-o-escriptor-mocambicano-mia-couto-no-tas-ao-vivo/>)

## Cada homem é uma raça

Entrevista de Mia Couto para a revista *Brasileiros*, publicada em agosto de 2013, com trechos da palestra proferida no lançamento do livro *Cada homem é uma raça*

<http://is.gd/Couto10>

([http://www.revistabrasileiros.com.br/2013/08/23/mia-couto-lanca-livro-de-contos-e-fala-a-brasileiros/#.U1\\_nnPldXZ1](http://www.revistabrasileiros.com.br/2013/08/23/mia-couto-lanca-livro-de-contos-e-fala-a-brasileiros/#.U1_nnPldXZ1))

## Roda Viva

Entrevista para o programa Roda Viva da TV Cultura em novembro de 2012

<http://is.gd/Couto11>

(<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-mia-couto-05-11-2012>)

## Nova Escola

Entrevista para o *site* da revista *Nova Escola*, publicada em agosto de 2010

<http://is.gd/Couto12>

(<https://www.youtube.com/watch?v=SzNedHwwPmI>)

## INTÉRPRETE DO HUMANO NUM PAÍS CHAMADO MOÇAMBIQUE

POR SUSANA RAMOS VENTURA

É doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2006), com tese sobre os romances de Mia Couto e José Saramago. Ensaísta e professora, é também autora dos livros *Convite à navegação: uma conversa sobre literatura portuguesa* (Editora Peirópolis) e *O tambor africano e outros contos dos países africanos de língua portuguesa* (Editora Volta e Meia). Pesquisadora ligada ao Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e ao Centro de Pesquisas sobre os Mundos Ibéricos Contemporâneos (CRIMIC), da Sorbonne (Paris IV).

Ao ser apresentado à obra do escritor moçambicano Mia Couto, o leitor está diante de um autor que mantém uma relação profunda com a língua, a cultura e a literatura em português.

Antônio Emílio Leite Couto, o Mia, começou a escrever bem cedo. Seus primeiros poemas foram publicados quando ele era ainda adolescente, por iniciativa de seu pai, o poeta Fernando Couto, forte influência na relação do escritor com os livros e com a leitura literária.

Foi também muito cedo, antes dos 20 anos, que o escritor começou a trabalhar na atividade jornalística, chamado a uma ativa participação na luta pela construção do novo país – que nasceria em 1975 – através do exercício da palavra, assumindo várias tarefas ligadas aos meios de comunicação.

Um dos cinco países africanos de colonização portuguesa, Moçambique conquistou a independência após um período de vários anos de uma guerra sangrenta e desigual, que só chegou a termo ajudada pela queda do regime ditatorial português na Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974). A volta da democracia em Portugal esvaziou o projeto de manutenção das colônias portuguesas na África e permitiu que Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe pudessem se autogovernar e se consolidar como nações independentes.

Após a independência moçambicana, Mia Couto retomou seus estudos, mudando a opção inicial, que era cursar medicina, para biologia. Abraçou efetivamente a carreira de biólogo, o que lhe permitiu realizar muitas viagens de estudo e trabalho pelo país, aprofundando seu conhecimento sobre sua terra e suas gentes.

Em 1983, aos 28 anos, Mia Couto reuniu seus poemas num primeiro livro, *Raiz de orvalho*. Voltaria a publicar volumes de poesia ainda por duas vezes nos 25 anos subsequentes, apresentando em todas as ocasiões livros de um lirismo pungente e marcante.

Aos 31 anos, o escritor encontrou sua voz narrativa quando da publicação de *Vozes anoitecidas*, livro de contos que o tornou nacionalmente conhecido. A publicação, resultado da atribuição daquele que é o mais importante prêmio literário do país, o da AEMO – Associação Moçambicana de Escritores, inaugurou uma carreira que o levou a ser conhecido em todo o mundo.

Meses após a publicação de *Vozes anoitecidas*, começou a desenhar-se para Mia Couto a trajetória que seria a de quase todos os escritores representativos dos países africanos de língua portuguesa da segunda metade do século XX: serem publicados em Portugal para dali ganharem a plataforma de visibilidade europeia e mundial.

A primeira edição portuguesa de *Vozes anoitecidas* pela Editorial Caminho – capitaneada pelo editor Zeferino Coelho, responsável pelas carreiras literárias de nomes como José Saramago – contou com texto de abertura do

maior poeta moçambicano do século XX, José Craveirinha (1922-2003), membro do júri que concedera o prêmio a Mia Couto e que revelou aos leitores do livro, com a acuidade característica de sua longa trajetória como poeta e intelectual, que o volume de contos tinha como referencial as raízes tradicionais dos mitos, a partir das quais “o narrador concebe uma tessitura humano-social adequada a determinados lugares e respectivos quotidianos. Mia Couto faz-se (transfigura-se) vários seus personagens pela atenta escuta de pessoas e incidentes próximos de si, porque o homem-escritor quer-se testemunha activa e consciente, sujeito também do que acontece e como acontece”.<sup>1</sup>

Em 1992, quase dez anos após a publicação de *Raiz de orvalho*, chegou ao público o romance *Terra sonâmbula*, marco que inscreve Mia Couto entre os mais representativos ficcionistas africanos da contemporaneidade. Um dos grandes romances em língua portuguesa de todos os

---

<sup>1</sup> CRAVEIRINHA, José in COUTO, Mia. *Vozes anoitecidas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1987. Edição brasileira pela Companhia das Letras, 2013.

tempos, *Terra sonâmbula* constrói-se a partir de um passado recente em relação ao ano de publicação, sendo um de seus temas centrais a Guerra Civil que começou em Moçambique poucos meses após a independência e se estendeu por quase 20 anos.

Em *Terra sonâmbula*, duas personagens egressas de um campo de refugiados, um velho e um menino desmemoriado – o ancião analfabeto, a criança recordando aos poucos o domínio da leitura –, vagam pelo país devastado acompanhando o desenho da destruída Estrada Nacional, um elo de comunicação entre Norte e Sul moçambicanos. Tuahir, o velho, e Muidinga, o menino, se inscrevem entre as personagens mais marcantes da obra de Mia Couto.

Pensando nas personagens que povoam a obra ficcional do autor, veremos nas obras subsequentes, com frequência, uma “população imaginada” que trafega no país em construção, como se andasse entre dois mundos: aquele oferecido (e no mais das vezes imposto) pela sociedade ocidentalizada e o representado pela tradição (e que está em ruínas). O primeiro tem raízes coloniais e, em geral, não consegue oferecer sequer o conforto estrutural próprio dos modernos Estados ocidentais, muito menos fornecer res-

postas a anseios íntimos de busca individual/existencial. O segundo, o mundo africano marcado pelos “modos da tradição” apresenta um tecido esgarçado, sendo que o aprofundamento ficcional que Couto opera em seus domínios parece marcado pela recriação, por uma certa “invenção da tradição” (conforme teorizou Eric Hobsbawm).

A obra de Mia Couto encena, assim, confrontação/justaposição cultural entre dois mundos com cosmologias distintas e opostas, que tentam se apaziguar.

A devastação de Moçambique no início da década de 1990<sup>2</sup> é referida pelo escritor Mia Couto, no prefácio ao livro de contos *Estórias abensonhadas*, publicado em 1994:

*“Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo.*

*Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso.*

*Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares.”<sup>3</sup>*

Algumas questões irão atravessar toda a obra ficcional de Mia Couto: a convivência, e por vezes oposição, entre tradição e modernidade, oral e escrito, sociedade de inspiração ocidental e sociedade de inspiração africana. Especialmente, pode ser notada uma permanente tensão entre tradição e modernidade – tensão jamais resolvida, cujos embates constituirão, na obra, motivo de angústia e questionamento, representados pelo autor em personagens transpassados pela angústia existencial acarretada por um sentimento de inadequação à realidade. A realidade é aquela imposta por um mundo em que a harmonia – outrora garantida pela tradição – não está mais disponível. Há, por outro lado, uma consciência de que o regresso a uma espécie de ordem puramente tradicional já não é possível e que o mundo harmonioso de certezas

---

<sup>2</sup> A paz é selada no Acordo de Roma, em outubro de 1992.

<sup>3</sup> COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994, p. 12. Edição brasileira pela Companhia das Letras, 2012.

não pode ser recuperado. Existe na obra uma tendência forte a valorizar de maneira enfática tudo o que esteja ligado ao mundo tradicional moçambicano, que é lembrado, constantemente, como parte do universo africano.

Mas, sobretudo, a obra de Mia Couto é notável por sua linguagem, pelo trabalho do escritor na construção de uma prosa em proximidade com os procedimentos da poesia, as “brincadeiras vocabulares”, o encantamento operado pela construção de um texto em que confluem questões regionais e universais.

O leitor que se aproxima da obra de Mia Couto escutará, num primeiro momento, ecos das obras de Guimarães Rosa (1908-1967) e de José Luandino Vieira (1935). Mia Couto foi leitor primeiro da obra do escritor angolano, para, logo a seguir, enveredar pela leitura do brasileiro que é um de seus referenciais mais citados.

Tanto Luandino Vieira quanto Guimarães Rosa colocaram suas terras no mapa simbólico da literatura universal. Pensando nos dois autores, sabemos que Luandino Vieira, português de nascimento, domina o quimbundo e construiu sua linguagem literária baseado nesta vivên-

cia linguística mestiça; Guimarães Rosa, por sua vez, foi um poliglota que filtrou para a linguagem literária não apenas sua imensa cultura humanística como também elementos dos diversos idiomas que dominava.

Mia Couto, que não domina nenhum dos outros idiomas que se falam em Moçambique, trabalha e constrói seu mundo ficcional a partir da língua portuguesa. Sendo o português sua língua-mãe, seu idioma de escolarização e a principal referência primordial de consulta a partir da farta biblioteca familiar, foi a principal ferramenta de construção a partir da qual forjou sua linguagem literária. Por isso a transparência de sua obra para os leitores de língua portuguesa, uma vez que Mia Couto logrou efetivar trânsitos de sentido que partem do português e a ele regressam. Como resultado, o leitor tem à sua disposição um texto sem dificuldades aparentes, em que as palavras lhe são conhecidas, mas utilizadas de maneira a representar um mundo de possibilidades nunca antes plasmadas em português.

Dessa maneira, Mia Couto vem colocando Moçambique no mapa simbólico da literatura mundial, dominando como poucos o binômio Moçambique em sua particula-

ridade / Moçambique como sinônimo de “país africano”.

Uma abordagem da obra de Mia Couto não seria completa sem que se mencionasse seu trabalho como ensaísta, reflexo e consequência de sua atuação social. Profundamente comprometido com o pensamento sobre o papel do escritor no mundo contemporâneo, Mia Couto tem sido chamado a se pronunciar nas mais diversas ocasiões, tanto em Moçambique quanto em outros países. Muitas das reflexões partilhadas em momentos tão distintos, formaturas de graduação, feiras literárias e eventos como *Fronteiras do Pensamento*, têm sido reunidas em volumes de ensaios.

Especificamente em Moçambique, Mia Couto é instado a opinar sobre os mais diversos assuntos e vivencia situação similar à de muitos outros intelectuais africanos, constantemente levados a intervir nas várias esferas de poder e saber de seus países, que ajudam, efetivamente, a construir. Nos últimos anos, intensificou-se no discurso do autor o clamor pela produção do que chama de pensamento próprio moçambicano, o que está expresso em ensaios como *A fronteira da cultura* e *Os sete sapatos sujos*, nos quais aponta que a possibilidade de um novo futuro

para Moçambique está ligada à ultrapassagem do atraso causado pela incapacidade de geração de “um pensamento produtivo, ousado e inovador”, capaz de retirar o país do que chama de “quintal da História”.

Um de seus mais notáveis ensaios, *Que África escreve o escritor africano?*<sup>4</sup>, afirma que o compromisso maior do escritor é com a verdade e com a liberdade, e para honrar este compromisso o escritor se serve de uma “inverdade”, a literatura, definida como “uma mentira que não mente”. A partir desse argumento inicial, Mia Couto envereda por um de seus caminhos mais frequentados: aquele em que reflete sobre o papel do escritor africano no mundo.

Grande contista e romancista, intérprete do humano num país chamado Moçambique, Mia Couto é um autor que pede leitura atenta e um cidadão que merece ser ouvido.

---

<sup>4</sup>In *Pensatempos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005, p. 17 a 24.





**FR****NTEIRAS**  
DO PENSAMENTO